

Da falta à diferença no espaço público: considerações sobre a missão cristã voltada para a surdez*

César Augusto de Assis Silva.

Doutorando em Antropologia Social/USP

cesaraugustonet@yahoo.com.br

Resumo

Pretendo evidenciar de maneira preliminar como se desenvolveram em um processo concepções relativas à surdez afirmadas em termos de particularismo étnico-lingüístico. Para tanto, debruço-me sobre um universo empírico constituído por cinco publicações religiosas que compreendem o período de 1969 a 2006, sendo dois materiais católicos, um material católico-luterano e dois materiais batistas.

Palavras-chave: Surdez. Atividade missionária com surdos. Libras.

1. Introdução

A lei federal 10.436 de 24/04/2002, regulamentada pelo Decreto Federal 5626 de 22/12/2005, reconhece a língua brasileira de sinais – libras - como meio legal de comunicação e expressão, um sistema lingüístico oriundo das comunidades surdas do Brasil. O decreto que regulamenta essa lei, visa garantir o uso e a difusão dessa língua, objetivando o pleno acesso à comunicação, à informação à educação das pessoas surdas. Dentro do prazo de dez anos após a sua regulamentação, cabe ao Poder Público criar o aparato institucional necessário para a obtenção de uma educação bilíngüe libras/português, isto é, libras como primeira língua, e português como segunda língua aprendida por meio da primeira. Além disso, esse decreto determina que instituições concessionárias de serviço público tenham intérpretes e/ou funcionários fluentes em libras para garantir um atendimento específico às pessoas surdas.

Diversos saberes e agências entraram em consonância para que esse quadro se desenhasse. A emergência de uma lingüística de línguas de sinais, que comprovou de maneira legítima que a língua de sinais é uma língua natural, portanto passível de análise lingüística em todos os níveis, do fonético ao discursivo, foi importante para consolidar

* Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho/2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil. GT 24 Etnias e Religiosidade: perspectivas políticas e cosmológicas.

uma visão crítica às concepções relativas à surdez desenhadas no século XIX, concepções essas que afirmam que a forma de comunicação dos surdos-mudos não passa de gestos e mímicas. É a partir desse pressuposto lingüístico que emerge o que se convencionou chamar de *Estudos Surdos*, isto é trabalho de pedagogos (sobretudo), psicólogos e psico-lingüistas, que passaram afirmar em âmbito acadêmico a crítica ao passado oralista, isto é, à política pedagógica dominante no período que vai de 1880 a 1980 - em que a educação dos surdos-mudos visava sobretudo o aprendizado da articulação da língua oral. Esses *Estudos Surdos* cunharam uma história da surdez e das línguas de sinais, e passam a reivindicar uma educação bilíngüe e bicultural para os surdos¹.

Essa recente produção intelectual sobre a surdez está diretamente vinculada ao processo de emergência de um *movimento social surdo* organizado em associações, federações e lobbys em instâncias legislativas do Estado, que clamam por uma política de reconhecimento das particularidades lingüísticas e culturais relativas à surdez.

Se por um lado é isso que tem acontecido nos âmbitos acadêmico e político relativos à surdez, por outro, é necessário que introduzamos em nossa análise um dado fundamental para a reflexão que vamos empreender neste trabalho: o papel das agências religiosas nesse processo de construção da surdez como uma forma particular de diferença lingüística e cultural. Diversas instituições religiosas têm desenvolvido práticas de evangelização relativas à surdez. Somente a título de ilustração, na cidade de São Paulo, identificamos as seguintes instituições: Igreja Católica, igrejas protestantes históricas (Batista, Luterana, Presbiteriana, Metodista), pentecostais (Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Batista Renovada, Comunidade da Graça) e neopentecostais (Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Casa de Oração para Todos os Povos, Universal do Reino de Deus, entre muitas outras), Adventistas do Sétimo Dia, Adventista da Promessa e Testemunhas de Jeová. De modo que podemos afirmar que essa experiência está bastante disseminada em instituições religiosas cristãs.

Contudo, e pautados por nossa etnografia, é necessário considerar que dentre essas algumas instituições se destacam, quer seja pela anterioridade histórica com que se dedicam à surdez, ou quer seja pela maneira como difundiram suas práticas para além dos domínios de suas instituições, influenciando outras instituições religiosas ou mesmo políticas públicas pedagógicas relativas à surdez no espaço público. Entre elas destacam-

¹ Como levantamento parcial desses estudos de lingüistas, pedagogos e psicólogos: Capovilla & Raphael, 2001; Góez, 1999; Leite, 2004; Luchesi, 2003; Moral, 2005; Quadros, 1997; Skliar, 1998, 1999 e 2000; Souza, 1998 e Ferreira-Brito, 1995.

se a Igreja Católica, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil e a Igreja Batista ligada à Convenção Batista Brasileira. Justamente devido à importância dessas instituições nesse cenário religioso ligado à surdez, que pretendemos nesta reflexão caminhar de uma perspectiva etnográfica para uma perspectiva histórica. De modo que o material empírico no qual vamos nos debruçar (de maneira preliminar) é formado por cinco materiais que essas instituições produziram (2 livros católicos, 1 livro católico-luterano e 2 livros batistas), em um período de 37 anos (de 1969 a 2006).

Iniciaremos a nossa análise a partir do livro intitulado *Linguagem das mãos*, do missionário redentorista norte-americano padre Eugênio Oates. Publicado em 1969, esse livro é o primeiro dicionário de correspondência entre palavras do português e sinais do que então passa a se denominar *linguagem das mãos*. Esse mesmo padre, juntamente com o seu colaborador padre Vicente Penido Burnier, ajudaram a produzir em 1981 o segundo livro sobre o qual vamos nos debruçar, o livro *Linguagem de sinais do Brasil*. Produzindo no contexto luterano de Porto Alegre, esse livro visa fundar o que se passou denominar *comunicação total*, a prática pedagógica que superou o oralismo trazida por missionários luteranos norte-americanos.

Já adentrando o cenário protestante, dos luteranos partiremos para os batistas, analisando a publicação *O clamor do silêncio* produzida pela Junta das Missões Nacionais, órgão da Convenção Batista Brasileira no ano de 1991, que visa padronizar e difundir o *Ministério com Surdos* em uma escala nacional. Em 1998, essa mesma publicação passou por uma revisão e atualização, cujo resultado é uma segunda edição homônima que aqui chamaremos de *O clamor do silêncio II*. Visa-se demonstrar quais foram as alterações nessa segunda edição, que explicita a maneira como a experiência batista incorpora a produção científica sobre surdez. Por fim, após essa passagem pelo protestantismo, retornamos para a experiência católica com a sua publicação de 2006, intitulada *Pastoral dos Surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil*, produzida no contexto da Campanha da Fraternidade de 2006, cujo tema era a deficiência, e que demonstra a incorporação da surdez que foi produzida em um processo exógeno à Igreja Católica.

Antes de entrarmos propriamente na análise dessas publicações, algumas questões precisam ser explicitadas. O problema fundamental desta análise é compreender como se produziu em um processo uma narrativa em que a surdez foi afirmada em termos de particularidade lingüística e cultural – isto é, uma narrativa étnica - em contraposição à concepção da surdez como deficiência. Ademais, a hipótese que serve de norte para esse trabalho, é que esse processo de construção de uma surdez descrita em termos étnicos foi

produzido no âmbito das experiências missionárias consideradas, de modo que essas publicações (etapas cristalizadas do processo) são fontes históricas fundamentais para a compreensão desse movimento dinâmico que se desdobrou no espaço público.

É necessário também fazer algumas considerações sobre a ordem da exposição dessas publicações. Além da explícita ordem cronológica, as publicações vão da experiência católica (1969) a ela mesma (2006), passando pelas experiências protestantes luterana (1981) e batista (1991 e 1998). Como devemos argumentar adiante a Igreja Católica é a produtora por excelência de uma primeira configuração da surdez, que é reformulada por protestantes, de modo que a sua experiência contemporânea tem que realizar uma mediação entre duas configurações da surdez.

Por fim, pretendemos evidenciar sobretudo quais foram os objetivos dessas publicações e como elas trataram as categorias que classificam as pessoas como diferenciadas pela audição e como nomearam as formas de comunicação atribuídas às pessoas que não ouvem. O nosso objetivo é responder ao nosso problema central, como a surdez foi inventada como particularidade lingüística e cultural.

2. O nascimento da *linguagem das mãos*: escolas oralistas, associações e o primeiro dicionário

Em 1969 foi publicada primeira edição do livro *Linguagem das mãos* do missionário redentorista padre Eugênio Oates. Contudo, a experiência católica relativa à surdez é bem anterior a essa publicação, sendo a Igreja Católica em verdade a fundadora da educação especial voltada para a surdez. Desde o século XIX, mas sobretudo ao longo do século XX, diversas ordens católicas (calvariana, salesiana, franciscana, pavoniana) fundaram em diversas cidades brasileiras escolas especiais para a educação de crianças surdas-mudas. Como exemplo, Instituto Santa Terezinha, fundado em 1929 em Campinas-SP, transferido para São Paulo-SP em 1933; Escola Épheta em 1950, Curitiba-PR; Instituto Frei Pacífico em 1956, Porto Alegre-RS; Instituto Londrinense de Educação de Surdos em 1959, Londrina-PR; Instituto Nossa Senhora de Lourdes em 1959, Rio de Janeiro-RJ; Instituto Felippo Smaldone em 1972, Belém-PA e Instituto Severino Fabriani em 1976, São Paulo-SP (levantamento parcial).

Como é consenso em toda bibliografia recente sobre a surdez, o paradigma pedagógico que perdurou nessas escolas até os anos 1980 foi a oralização. O objetivo fundamental da educação desses que eram chamados de “surdos-mudos” era fazer com que ouvissem com os olhos, por meio da leitura labial, e que aprendessem a falar, por

meio de extenuante treino articulatório para adquirir a habilidade de pronunciar fonemas das línguas orais e uma modulação padrão da língua. Por conta disso, a forma de comunicação visual-gestual era proibido nas salas de aula. É comum o relato de que surdos-mudos tinham as mãos amarradas, ou que sentar-se sobre elas, ou que apanhavam nas mãos para que a única forma de comunicação a ser utilizada fosse o código oral. As mímicas e gestos dos surdos-mudos eram vistos como não civilizados e não podendo realizar abstrações, devendo ser portanto preteridos pela comunicação oral.

Contudo, a proibição dessa forma de comunicação, paradoxalmente, acabou por produzir a sua condição de possibilidade, a emergência de um sistema semiótico que mais recentemente os lingüistas afirmam ser passível de análise lingüística. Essas escolas, que não raro funcionavam como internato, garantiram uma primeira forma de aglutinação de pessoas que não ouvem, que geralmente nascem em famílias em que todos ouvem. As semelhanças entre a libras e a língua de sinais francesa é justificada pela vinda de um educador francês que fundou a primeira escola para surdos, o Imperial Instituto dos Surdos Mudos em 1857 no Rio de Janeiro. Além dessas escolas, essa experiência católica foi importante para a fundação de associações de surdos em diversas cidades brasileira. De modo que a experiência católica forjou uma base geográfica formada por uma rede de escolas e associações que permitiram a emergência dessa forma de comunicação. Em certa medida, as experiências missionárias protestantes e testemunhas de Jeová orbitaram em torno dessas experiências em diversas cidades brasileiras.

É desse contexto religioso católico, que surge a primeira experiência que pode ser vista como o germe da cessão dessa experiência religiosa pedagógica oralista. Nascido em 1915, padre Oates foi um missionário redentorista norte-americano, que veio para o Brasil nos anos 1940 para atuar como missionário nos estados de Amazonas e Pará. Como já tinha tido contato com a pastoral voltada para surdez nos Estados Unidos, no Brasil passou a atuar junto às instituições educacionais ligadas à surdez.

A partir dos anos 1960, contando com o auxílio de um padre que se definiu como “deficiente auditivo”, Vicente de Paulo Penido Burnier – o primeiro padre “deficiente auditivo” brasileiro, e o segundo na história da Igreja Católica (Pastoral dos Surdos, 2006:19) –, padre Oates passou a catalogar os gestos do que denominava como a *linguagem das mãos*. Produziu livros em que as palavras das orações católicas eram acompanhadas por gestos correspondentes dessa linguagem. Esses gestos eram representados por fotos do próprio padre Oates gesticulando. O seu objetivo era permitir

que os surdos-mudos pudessem ouvir com os olhos a mensagem cristã, de modo que os seus livros soassem como ecos do *efatá*² proferido por Cristo.

Em 1961, publicou *No Silêncio da Fé*, livro que traz as principais orações e doutrinas católicas – Pai-Nosso, Ave-Maria, Ato de contrição, Os Sete Sacramentos, Os Dez Mandamentos, entre outras – expressas em português acompanhadas pelos gestos. Foi em 1969, que padre Oates publicou sua obra mais divulgada, o livro *Linguagem das mãos*, o primeiro dicionário de correspondência entre palavras do português e gestos da *linguagem das mãos*. A primeira edição desse livro teve financiamento do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e consistiu em um primeiro esforço de catalogar e tornar homogênea a comunicação gestual dos surdos-mudos de diferentes regiões do Brasil. Foram coletados gestos para um amplo universo de palavras em português, compreendendo verbos, substantivos organizados por campos semânticos (animais, cores, religião, alimentos, bebidas, parentesco, natureza, marcações de tempo, localizações geográficas, vestuários e acessório, esportes), adjetivos, numerais, advérbios, pronomes, preposições, conjunções, etc. Esse trabalho provavelmente teve um importante papel na formação, divulgação e homogeneização dessa forma de comunicação em todo o território nacional.

Na parte introdutória do livro, Oates faz uma embrionária reflexão lingüística sobre as mímicas. Explicita a importância da expressividade e velocidade na gesticulação, que seria a maneira de diferenciar, por exemplo, os significados de “silêncio” de “cale a boca”, ambos sendo expressos pela colocação do dedo indicador frente aos lábios. Além disso, define o que denomina “comunicação relâmpago”, que seria a economia de “gestos” nessa forma de comunicação, como exemplo, a frase em português “você pretende ir à festa hoje à noite?” se torna em *linguagem das mãos* “vai festa hoje?”. Ademais, Oates comenta que um mesmo “gesto” pode representar mais de uma palavra, em seu exemplo, um mesmo gesto é traduzido para as palavras “velho”, “idoso” e “antiquado”. Afirmo que o inverso também é verdadeiro, uma palavra pode ter mais do que um gesto como tradução. Oates identifica que há regionalismos nessa forma de comunicação, e que visa com esse livro auxiliar a tornar essa comunicação mais homogênea em todo o território nacional, tanto entre surdos-mudos como entre pessoas ouvintes.

Entretanto, é necessário considerar que nesses pioneiros trabalhos de padre Oates, não se afirmava o estatuto de língua da *linguagem das mãos*. Embora o

² Efatá, effata, ephata, ou ephphata, do grego εφφαθα, significa “abra-te”. De acordo com o evangelho de Marcos (cap. 7.34), foi proferido por Cristo quando ele curou o surdo-mudo Utilizo esse termo que é sua transliteração para o português (Bíblia Sagrada, 2001).

missionário tenha empreendido uma coleta dos gestos em diferentes regiões do Brasil, eles eram vistos tão somente como a pura expressão do pensamento, “uma linguagem natural e universal” (Oates, 1988 [1969]:11), que todos começamos a aprender desde que nascemos. Esses gestos deveriam ser usados, ou como meio de comunicação com os surdos-mudos que não aprenderam a falar em escolas especiais, ou como um recurso adicional para facilitar a comunicação, visto que os gestos eram considerados também a exata expressão do português em termos visuais, não podendo o português ser preterido pela linguagem das mãos. Como adverte o diretor do INES na apresentação do livro:

considera o Padre E. Oates, que o melhor meio de comunicação entre os surdos deve ser a linguagem oral, ensinada pelos professores do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Levando em conta contudo, que muitos surdos nunca tiveram ocasião de freqüentar escolas, torna-se necessário um meio qualquer de comunicação para que se façam entender (Campello *apud* Oates, 1988 [1969]:7).

Em minha etnografia pude perceber que a maneira como padres católicos e surdos oralizados (ou deficientes auditivos) utilizam essa língua é ainda muito correspondente com os ensinamentos de padre Oates e com os ideais oralistas das escolas católicas. Os sinais que compõem o que hoje se denomina libras são utilizados estritamente na estrutura da sintaxe do português. Não são expressos como um sistema independente do português, mas sim como se fossem a sua escrita visual-corporal. A título de exemplo, palavras como “em”, “para”, “estar”, “ficar”, que não fazem parte do que se impõem como a libras legítima, na experiência católica são expressas em sinais.

3. Linguagem de sinais do Brasil: a invenção da comunicação total.

Tanto padre Oates como padre Burnier – deficiente auditivo auxiliar de Oates - estiveram associados no início dos anos 1980 a uma experiência inovadora relacionada à surdez que foi promovida pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil, em Porto Alegre-RS. A Escola Especial Concórdia – Centro Educacional para Deficientes Auditivos, fundada em 1966 (hoje denominada Escola ULBRA Especial Concórdia) está associada a essa igreja. Em 1980 missionários norte-americanos luteranos passaram a proferir palestras nessa igreja e nessa escola especial sobre a *comunicação total*, uma nova filosofia pedagógica que visava superar o *oralismo*, permitindo a comunicação por meio de sinais, assim como por outros meios: desenhos, teatros, mímicas, etc. Diante da inexistência de materiais pedagógicos para implementar a *comunicação total*, essa instituição, com apoio de organizações luteranas norte-americanas – Amigos Luteranos dos Surdos, Mill Neck Foundation e Mill Neck Manor –, e também, com apoio da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul, produziram o livro denominado

Linguagem de sinais do Brasil, que se tornou uma espécie de manual para se trabalhar com o que se passou a denominar *comunicação total*, tendo tido uma tiragem de três mil exemplares, que foi distribuída gratuitamente, juntamente com vídeos em fitas VHS.

Esse é um livro bastante diversificado, como afirmado no prefácio, “o resultado é um conjunto heterogêneo de perspectivas, refletindo os pontos de vistas de surdos e ouvintes, profissionais e não profissionais, seculares e religiosos, homens e mulheres, americanos do norte e do sul” (Hoeman *et al*, 1981:11). O livro é de autoria de profissionais diversos, educadores, teólogos, lingüistas, psicólogos e padres, todos vinculados ou à Igreja Católica ou à Igreja Luterana. De maneira explícita, havia no livro um interesse comum de garantir que as tradições culturais dos ouvintes, especificamente as religiões, pudessem chegar naqueles que deixavam de ser chamados de "surdos-mudos" e “deficientes auditivos” para ser chamados de “os surdos”.

Esse livro pode ser compreendido como o início de uma reflexão lingüística sobre o que naquele momento deixou de ser denominado mímicas, gestos, linguagem das mãos, e passou a se denominar, em comparação à *American Sign Language*, *linguagem de sinais do Brasil*. Alguns textos demonstram, ainda que de maneira incipiente, processos gramaticais dessa língua (processos fonológicos e morfológicos), e traziam uma bibliografia norte-americana de lingüística das línguas de sinais que, em anos posteriores, ainda seria incorporada por lingüistas brasileiros. Além disso, o livro tinha um objetivo pedagógico claro: lançar as diretrizes da *comunicação total* e divulgá-la, tendo esse projeto pedagógico uma fundamentação teológica cristã:

Jesus Cristo também nos deu o exemplo. Mesmo sendo verdadeiro Deus, não hesitou em tornar-se verdadeiro homem e falar a linguagem dos homens da época para comunicar a mais importante mensagem do amor de Deus aos homens. Para falar com os homens Ele falou a linguagem deles, usou exemplos do mundo deles, falou em parábolas e história deles. Usou também a comunicação total, pois usou linguagem falada, usou linguagem pictórica nas parábolas e usou mesmo a linguagem dos sinais com o surdo que encontrou e curou (Marcos 7.34) (p. 76).

Desse modo, dados os motivos religiosos que impulsionaram essa filosofia pedagógica, a Escola Especial Concórdia passou a adotar a *comunicação total* primeiramente no ensino de religião em 1980.

Além disso, outra inovação desse livro foi o esforço de fazer com que a surdez deixasse de ser lida em termos de deficiência, e passasse a ser lida em termos de diferença lingüística e cultural. Afirmaram a idéia de que os surdos constituem um grupo que é dotado de uma herança cultural, a linguagem de sinais. Para denominar esse grupo, passam a utilizar a categoria “comunidade dos surdos”. Embora no conjunto do livro a

categoria “surdos” tenha sido utilizada de maneira bastante intercambiável com as categorias “deficientes auditivos” e “surdos-mudos”, nos escritos dos luteranos a categoria “surdos” acaba se destacando. Também compõem esse livro ilustrações de dezenove sinais religiosos, feitos por padre Oates, e outros 337 sinais diversos.

A alteração, por parte dessa escola luterana, da filosofia pedagógica *oralista* para a *comunicação total*, por influência norte-americana, teve alguns desdobramentos importantes para a nossa análise, pois ela deu um outro estatuto para a forma de comunicação gestual-visual atribuída às pessoas que não ouvem. Como demonstrado, para a pedagogia oralista, a comunicação gestual-visual era algo a ser reprimido por todos os adultos envolvidos no processo de educação da criança surda-muda. Para padre Oates, a linguagem das mãos torna-se uma forma de comunicação que pode complementar a comunicação oral, contudo, não deveria substituir o português. Para o diretor do INES, citado no livro de Oates, a mímica é uma forma de comunicação qualquer para aqueles que não puderam aprender a linguagem oral nas escolas especiais. De modo diverso, na experiência luterana a *linguagem de sinais do Brasil* se torna veículo fundamental e necessário para que a comunidade de surdos possa entender a mensagem cristã, constituindo uma herança cultural de um grupo que deixava de ser visto somente na chave da falta e da patologia.

De acordo com relatos de pessoas que participaram desse processo, essa experiência tem uma relevância fundamental para a emergência de intérpretes de linguagem de sinais/português nas igrejas luteranas em cidades da região Sul do Brasil. Contudo, dados os limites da inserção de luteranos no espaço público brasileiro - pois constituem uma instituição de protestantismo étnico - essa experiência não parece ter tido a mesma influência que batistas. Consideremos pois essa próxima experiência.

4. O Clamor do silêncio: a comunicação total batista e os surdos como um grupo não alcançado.

Ao longo dos anos 1990 e 1991 uma comissão de missionários com surdos (alguns atuando como profissionais no “meio secular”) produziram sob a coordenação da Junta das Missões Nacionais, órgão da Convenção Batista Brasileira, a publicação *O clamor do silêncio*. Esses missionários já tinham tido a experiência anterior de terem fundado o *Ministério com Surdos* em suas congregações, em diversas cidades brasileiras.

De acordo com relatos de informantes, a experiência missionária batista com surdos iniciou-se com a vinda de missionários norte-americanos no final dos anos 1970 para a região de Campinas. Esses missionários propagaram primeiramente entre as

igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira essa nova atividade missionária. Contudo, ao longo dos anos 1980 e 1990 essa experiência se desdobrou para diversas denominações evangélicas, retornando inclusive para a Igreja Católica.

Em grande medida o objetivo do livro *O clamor do silêncio* é sistematizar essas experiências missionárias dispersas em diversas congregações batistas e produzir um manual que oriente a fundação de outros *Ministérios com surdos*. Para tanto, procuram justificar essa missão afirmando que os surdos constituem um grupo específico lingüístico e culturalmente, que precisa ser alcançado pela mensagem cristã. Para tanto, é fundamental a emergência de uma atividade evangelística específica. O manual procura descrever as principais características desse grupo e quais são os requisitos técnicos e espirituais para a formação da equipe que deve fundar esse ministério. A produção dessa missão específica deve ser realizada mediante a conscientização da congregação ouvinte e dos pastores sobre as peculiaridades desse grupo.

De acordo com o manual, o termo “surdo-mudo” é um termo antigo e inadequado e o termo “deficiente auditivo” também não é de agrado das pessoas que não ouvem. O termo correto seria “os surdos”, que caracterizaria um grupo específico. Esse grupo teria características culturais próprias, que foram produzidas devido a ausência de um sentido. Como exemplo dessas especificidades culturais - que são produzidas de maneira situacional, contrastiva e política, concordando com análise sobre etnicidade de Barth (1997) – afirmam a visualidade, a gestualidade, a singularidade lingüística, a necessidade de uma educação específica, uma fala diferenciada, um vocabulário reduzido, etc. Ademais algumas especificidades morais também caracterizariam os surdos: a explosividade, a agressividade, a timidez, a inibição, a desconfiança, a franqueza, a carência, o talento natural para algumas profissões (artesão, desenhista, programador de computação) etc.

Nessa primeira edição de *O clamor do silêncio* objetiva-se sistematizar o que deve ser o *Ministério com surdos*. Ele é visto como uma série de atividades diversificada sob a coordenação do líder do ministério, como exemplo, estudos bíblicos, interpretação dos cultos, visitação, discipulado, sociabilidade, treinamento, música.

Para a formação da equipe que trabalhará nesse ministério, alguns requisitos técnicos e espirituais se entrelaçam. Além de ter um *chamado espiritual* para trabalhar com essa missão específica, o missionário deve ter *o amor ágape*, amar o outro em sua especificidade, e ser capaz de ser surdo para com os surdos – algo que luteranos já haviam sistematizado – para que a mensagem cristã possa ser transmitida para esse grupo a ser alcançado. Para entrar nesse “mundo dos surdos”, cabe ao missionário saber

não somente a língua de sinais, mas também o alfabeto manual, a comunicação total, o oralismo, o desenho, o teatro, a articulação oral, saber aproveitar os resíduos auditivos, etc.

Grande parte do manual é dedicada a sistematização da interpretação do missionário. De acordo com o manual:

O intérprete deve ter a consciência de que não é apenas a ponte entre o pastor e o surdo, mas é também o canal para transmitir a mensagem de Deus. Humanamente falando, o surdo depende do intérprete para participar do culto e receber a mensagem do Senhor. Por isso, assim como a água não pode passar pelo cano se estiver entupido, da mesma forma o intérprete não pode transmitir a mensagem de Deus se não estiver com a vida santificada (p. 24)

De modo que ser intérprete exige uma série de requisitos. Além de ter uma vida espiritual reta, o intérprete deve dominar o *Livro de sinais bíblicos*, publicado juntamente com *O clamor do silêncio*. Além disso, essa publicação sistematiza a própria performance da interpretação: deve ser realizada no palco, com dois metros quadrados de espaço; o intérprete deve se posicionar em pé; deve estar vestido adequadamente, utilizando a própria cor da roupa como pano de fundo para as mãos; deve saber antecipadamente quais músicas serão tocadas, quais passagens bíblicas serão lidas, qual será o mote da pregação, etc; ter clareza e grande capacidade de expressão corporal; ser seguro, tranquilo, autoconfiante; usar adequadamente a língua, pois ela também é objeto da adoração; tomar devido cuidado com aparência, roupa, cabelo, acessórios; entre outras muitas recomendações que visam a disciplinar o corpo do intérprete no palco.

Além disso, cabe ao missionário também conscientizar a congregação e os próprios pastores de que os surdos são um grupo não alcançado que precisa dessa atividade de evangelização específica. De modo que a fixação do local dos surdos nas primeiras fileiras do templo e do intérprete no palco foi justificada como uma necessidade da cultura desse grupo, que necessita da mediação do missionário. Ademais, cabe ao missionário buscar os surdos no “mundo”, evangelizando esse grupo em associações e imediações de escolas especiais. Além disso, cabe a ele orientar as próprias famílias dos surdos sobre a especificidade lingüística e cultura desse grupo.

4. *O clamor do silêncio II: a libras, o bilingüismo e a incorporação do conhecimento científico.*

Em 1998³ foi publicada pela Junta das Missões Nacionais uma nova edição atualizada e revisada do *O clamor do silêncio*. Essa re-edição não é feita pela mesma

³ Data informada por relato de missionários, não expressa na própria publicação.

comissão de missionários, mas sobretudo por Marília Moraes Manhães, pedagoga e pós-graduanda em psicopedagogia, coordenadora da Missão com surdos na Junta das Missões Nacionais. Embora, grosso modo, os objetivos dos dois materiais sejam idênticos, a divulgação de que os surdos são um grupo não alcançado, que precisa de uma atividade missionária específica de acordo com sua particularidade lingüística e cultural, há algumas modificações nessa edição que são relevantes.

Certamente, o ponto central que desencadeia todas as modificações nessa nova edição é a incorporação de uma bibliografia, sobretudo da pedagogia e da lingüística, para legitimar essa missão com surdos. Afirma-se que a história da surdez é a história da educação dos surdos, que se desenvolveu em quatro etapas: o oralismo, a comunicação total, o bimodalismo e o bilingüismo. O oralismo seria a política pedagógica que impõe o código oral, proibindo o uso da língua de sinais, trazendo prejuízos à comunidade surda. A comunicação total é a utilização de todas as formas de comunicação possível, inclusive a língua de sinais. E o bimodalismo, presente na comunicação total, seria o uso simultâneo da língua de sinais e da língua oral, que levaria a deformações de ambas. O bilingüismo seria uma forma mais adequada da educação de surdos em relação aos modelos anteriores, por garantir o acesso às duas línguas no contexto escolar, sendo a língua de sinais vista como a língua natural materna dos surdos, e o português como a segunda língua a ser aprendida por meio da primeira.

Diante dessa crítica à comunicação total e ao bimodalismo, que *O clamor do silêncio* incorpora da produção acadêmica pautada em pressupostos pedagógicos e lingüísticos que fundam o projeto pedagógico bilíngüe, essa segunda edição redefiniu todas as citações da primeira edição que eram discordantes desse novo objetivo. Todas as referências à comunicação total, à necessidade de articulação oral-facial e ao aproveitamento de resíduos auditivos dos surdos por parte do intérprete foram retiradas. De modo que *O clamor do silêncio II* afirma que a comunicação que constitui esse grupo a ser alcançado é a língua que se denomina LIBRAS. Cabendo ao intérprete fazer a tradução lingüística do português para essa língua, tratando as duas como sistemas lingüísticos independentes. A categoria LIBRAS, que já aparecia poucas vezes em *O clamor do silêncio I*, três vezes salvo engano (pois a categoria mais utilizada era língua de sinais), torna-se uma das categorias mais utilizadas nessa segunda edição.

Além disso, diferentemente da primeira edição, essa última edição explicita os fundamentos lingüístico da LIBRAS. Há uma exposição dos sinais icônicos dessa língua - isto é, sinais próximos da mímica - e sinais arbitrários, sinais que não revelam de maneira explícita o seu sentido. Este último tipo de sinais é um importante argumento

para a concepção de que a língua de sinais tem estatuto de língua. Além disso, há uma demonstração dos elementos estruturais dos sinais, destituídos de significados, que desempenham os papéis de fonemas na produção de sinais: i) configuração de mão, ii) ponto de articulação no corpo, iii) movimento e iv) orientação da palma. Além disso expressões faciais e corporais seriam os componentes importantes da LIBRAS.

Uma outra mudança nessa segunda edição foi a explicitação de que o *Ministério com surdos* tem por centralidade a atuação do missionário que é o intérprete de LIBRAS. Cabendo a ele ser o professor dos estudos bíblicos, o coordenador, o líder, o fundador, o divulgador, o agente conscientizador da missão com esse povo não alcançado na congregação. O público alvo da publicação continua sendo o missionário-intérprete, sendo o “surdo” o outro a ser alcançado.

Em síntese, a re-edição de *O clamor do silêncio* espelha em grande medida a consolidação de um processo que produziu a surdez como particularidade lingüística e cultural, tal como ela está ratificada por alterações jurídicas recentes. Ele fez uma crítica à comunicação total e ao bimodalismo, e reivindica o bilingüismo como um projeto pedagógico para garantir a educação a esse grupo não alcançado pela mensagem cristã, os surdos, que, de acordo com a publicação, possuem uma cultura específica e também uma língua, a LIBRAS.

5. Pastoral dos Surdos: o encontro das duas configurações da surdez na experiência católica.

Em 2006, no ano em que a Campanha da Fraternidade teve por tema a deficiência, “Levanta-te e vem para o meio”, religiosos católicos relacionados com a surdez nas paróquias ligadas às escolas especiais católicas se reuniram e publicaram o livro *Pastoral dos Surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil*.

O objetivo do livro é claro, a organização da *Pastoral dos Surdos* em uma dimensão nacional, definindo os objetivos, as estratégias de catequese/evangelização, as hierarquias, as coordenações local, regional e nacional, dizimo da pastoral, etc. que devem estar de acordo com os parâmetros evangelístico da Igreja.

A história da surdez que os *Estudos Surdos* afirmam, está incorporada nesse livro. Além disso, há uma explicitação da relação entre a história da surdez e a própria história da *Pastoral dos Surdos*, já que a fundação da educação especial voltada para a surdez se deu por ordens católicas. Ademais, as categorias que apontam para a etnicidade que estavam ausentes nos livros de padre Oates (1969), e que, de acordo com

a nossa análise, intelectuais e protestantes desenvolveram, “LIBRAS”, “cultura surda”, “comunidade surda”, “identidade surda”, “intérprete de libras”, etc, foram incorporadas e tomadas como ponto de partida. Havendo mesmo uma rejeição de qualquer ideal de oralização, e permanecendo uma certa ambivalência quanto ao fato da surdez ser diferença ou deficiência. Opera-se também nessa experiência, uma certa invenção da tradição (Hosbsbawm, 1997), o passado produzido à luz do presente, afirmando a Igreja Católica como uma primeira produtora do reconhecimento das especificidades lingüísticas e culturais dos surdos.

Contudo, essa incorporação dessa outra configuração da surdez não é passiva, ela se realiza por mediação. A primeira mediação é a invenção dessa missão em uma linguagem da missão inculturada, a concepção de que a “cultura surda” constitui mais uma expressão de Deus. Além disso, traduz-se também a surdez como mais uma forma de exclusão e opressão social, devendo ser a Igreja uma agência sócio-transformadora dessa realidade social.

Diante da grande autonomia do intérprete de libras na experiência protestante, sendo ele o produtor por excelência dessa nova surdez no âmbito religioso, e também, por conta dos intérpretes católicos serem produtos das oficinas protestantes de formação de intérprete, esse livro procurar realizar uma certa contenção desse papel do intérprete na *Pastoral dos Surdos*. Cabe ao intérprete ser somente um mediador, que se incultura no outro, e não um formador de opinião (p. 57). A liderança da *Pastoral* e o ensino da catequese para os surdos são prioritariamente ações a serem realizadas pelos próprios surdos, e não por intérpretes.

Como pude presenciar em minhas etnografias, e como também é afirmado nesse livro (p. 65), essa nova visão da surdez acaba por se chocar com uma outra concepção de educação e catequese pautada no modelo oralista. Pessoas mais velhas, que se afirmam “surdos oralizados” ou “deficientes auditivos” estão habituados a participarem dos rituais católicos independente de intérpretes. A inserção do intérprete católico que se expressa por libras, e sequer movimenta os lábios, é algo que visa a atender a esse outro modelo da surdez exógeno à Igreja Católica, mas que agrada surdos católicos mais jovens não oralizados.

6. Considerações finais.

O que procurei evidenciar ainda de maneira preliminar foi como essas publicações religiosas voltadas para a surdez explicitam um processo de construção da surdez como particularidade lingüística e cultural. Se católicos iniciam o *efatá* com a

oralização, e em um segundo momento, ampliam essa concepção com a coleta lexical da *linguagem das mãos*, luteranos radicalizam esse processo, com a fundação da *comunicação total* e a colocação da *linguagem de sinais do Brasil* como veículo necessário de comunicação para a educação de surdos e herança cultural da comunidade dos surdos.

Contudo, é sobretudo na experiência batista, em um processo explícito em suas duas publicações, que as pessoas que não ouvem passam a ser chamada de “os surdos”, e estes passam a ser vistos como um grupo não alcançado pela mensagem cristã, dotado de cultura, e que precisa de uma atividade evangelística específica, que tem por centralidade a interpretação que utiliza formas diversas de comunicação, como exemplo, a língua de sinais, o teatro, o desenho, a articulação oral, aproveitamento de resíduos auditivos, etc. Na segunda edição de *O clamor do silêncio*, radicaliza o processo de afirmação de particularidades étnicas, quando se afirma a existência da libras, a necessidade de uma interpretação entre duas línguas vistas como dois sistemas lingüísticos independentes, e afirma-se também o bilingüismo como um projeto pedagógico mais adequado que a comunicação total. É nessa experiência que se desenha características que compõem essa a particularidade étnica-lingüística da surdez produzidas sempre de maneira situacional, contrastiva e política, em um jogo de espelhos que opões surdos e ouvintes.

Como demonstrado também, essa experiência desdobra-se para a experiência católica, e a publicação de *Pastoral dos Surdos* espelha essa incorporação da surdez afirmada em termos étnicos, que reformula suas práticas pela inclusão do intérprete e crítica à comunicação total e ao oralismo. Essa recepção católica não é passiva, é realizada por meio de uma reinvenção da tradição, de uma crítica à autonomia do intérprete, a colocação da surdez em uma lógica da missão inculturada e como razão de opressão e exclusão social, tendo a Igreja um papel central na sócio-transformação dessa condição.

7. Referências bibliográficas.

- ALMEIDA, Ronaldo de. “Tradução e mediação: missões transculturais entre grupos indígenas”. In: Montero, Paula (org). Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, pp. 277-304. 2006.
- BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

- BOURDIEU, Pierre. "Esboço de uma teoria da prática". In: Ortiz, Renato (org) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CAPOVILLA, FC; RAPHAEL, WD. *Dicionário enciclopédico trilíngüe da língua de sinais brasileira*. Vol I e II. São Paulo: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, FENEIS, Brasil Telecom, 2001.
- CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *Comunicando com as mãos*. São Paulo: Convenção Batista do Estado de S. Paulo. 1983.
- COSTA, Sérgio. *As cores da Ercília*. Belo Horizonte: Editor UFMG, 2002.
- _____. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas: Autores associados, 1999.
- HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade". In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HOBBSAWM, E. & RANGER, T (org.) *A invenção das tradições*. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1997.
- HOEMANN, Harry; OATES, Eugênio & HOEMANN, Shirley. *Linguagem de sinais do Brasil*. Porto Alegre. [1981] 1983.
- JUNTA DAS MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *O clamor do silêncio*. Rio de Janeiro: [s/e], 1991.
- _____. *O clamor do silêncio*. Rio de Janeiro: [s/e], [s/d].
- LEITE, Tarcísio de Arantes. *O ensino de segunda língua com foco no professor: História oral de professores surdos de língua de sinais brasileira*. Dissertação de Mestrado em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.
- LUCESI, Maria Regina Chirichella. *Educação de pessoas surdas: experiências vividas, histórias narradas*. Campinas: Papirus: 2003.
- MAGALHÃES JR, Adriano Augusto de Castro. *Fogo sobre Terra Brasileira: o impacto do pentecostalismo no protestantismo histórico brasileiro*. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Sociologia da FFLCH USP. São Paulo, 2000.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. Um panorama do protestantismo atual. In: LANDIM, Leilah (org.) *Sinais do Tempo: Tradições Religiosas no Brasil*. Rio de Janeiro: Cadernos do ISER – Instituto de Estudos da Religião, nº 22, 1989.
- _____. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.
- MONTERO, Paula. "Religiões e dilemas da sociedade brasileira". In: Miceli, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo: ANPOCS, Brasília,DF: CAPES, 1999.
- _____. "Max Weber e os dilemas da secularização: o lugar da religião no mundo contemporâneo". *Novos Estudos Cebrap*, mar, nº 65: 34-44. 2003.

- _____. “Introdução”. In: MONTERO, Paula (org) *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. “Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural”, In: MONTERO, Paula (org). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- MORAL, Silvia Janaina. *Quebrando o silêncio: um breve documentário sobre o mundo dos surdos*. Itu: Ottoni, 2005.
- MOREIRA, Renata Lúcia. *Descrição da dêixes de pessoa na língua de sinais brasileira (LSB): pronomes pessoais e verbos indicadores*. Dissertação de mestrado. São Paulo. USP. 2007.
- MOURA, Maria Cecília de. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro, São Paulo: Revinter, FAPESP, 2000.
- OATES, Eugênio. *No silêncio da fé: catequese e oração na linguagem das mãos*. Aparecida: Santuário, 1990 [1961].
- _____. *Linguagem das mãos*. Aparecida: Santuário, 1988 [1969].
- OLIVEIRA, Paulo de Sousa. *Estratégias de uma missão: Salomão Ginsburg e a construção do ideário batista (1890-1927)*. Tese de Doutorado apresentada no departamento de História da FFLCH – USP, São Paulo, 1999.
- PADDEN, C. & HUMPHRIES, T. *Deaf in america: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- PASTORAL DOS SURDOS. *Pastoral dos surdos rompe desafios e abraça os sinas do Reino na Igreja do Reino do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo, Edusp: Fapesp, 1997.
- QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos: a aquisição de linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SKLIAR, Carlos. (org) *A surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- _____. (org) *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- _____. (org) Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: *Educação e exclusão*. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- SOUZA, Regina Maria de. *Que palavra que te falta?: Lingüística e Educação : considerações epistemológicas a partir da surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- STOKOE, W. *Sign Language structure*. Reedição. Silver Spring, Maryland, Linstok Press, 1960.